DOI: https://doi.org/10.23925/2175-3520.2025i59p96-106

A ENCRUZILHADA DA PSICOLOGIA NO ENSINO SUPERIOR: PISTAS PARA ENCANTAR CURRÍCULOS EMBRANQUECIDOS[1]

Kathleen dos Santos Galvão[2]; https://orcid.org/0000-0002-0959-3717

Isabelle Carneiro Soares[3]; https://orcid.org/0009-0007-6654-1263

Laiz Maria Silva Chohfi[4]; https://orcid.org/0000-0003-0552-7517

Resumo

Este trabalho realiza a tessitura de duas pesquisas acerca da formação em Psicologia no Brasil, tendo como cerne um comprometimento com as questões raciais presentes na esfera do curso. A primeira pesquisa se debruça sobre os currículos de Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior (IES) do Estado do Rio de Janeiro, encruzilhando os conteúdos encontrados por meio de sua análise documental e os possíveis efeitos destes na comunidade estudantil negra da Universidade. A autora aponta que a formação em Psicologia no Brasil possui impactos diretos da hegemonia do saber científico moderno em preterir saberes afrodiaspóricos, perturbando diretamente seus estudantes, através de uma alienação intelectual. A saída para o embranquecimento epistemológico seria estratégias autênticas de afirmação da identidade negra dos discentes. A segunda pesquisa aponta a ausência de letramento racial na formação de psicólogos de uma IES privada, propondo uma psicologia que possua tal letramento como prática basilar, construindo terreno fértil para o surgimento de uma Psicologia anticolonial, afrocentrada e plural. Ao encruzilhar os trabalhos, notamos a urgência de nos deseducarmos frente às supostas certezas de um currículo embranquecido, viabilizando a ruptura com práticas alienantes e promovendo estratégias que estruturam uma Psicologia pautada na justiça social.

Palavras-chave: estudantes, ensino da psicologia, currículo, negritude, enfrentamento.

The crossroads of Psychology in Higher Education: clues to enchant whitened curricula

Abstract

This paper critically examines two research studies on psychology training in Brazil, with a central focus on the integration of racial issues in the curriculum. The first study analyzes the psychology curriculum of a Higher Education Institution (HEI) in the State of Rio de Janeiro, investigating the content through documentary analysis and its potential impact on the black student community at the university. The author argues that psychology education in Brazil is heavily influenced by the hegemony of modern scientific knowledge, which marginalizes Afro-diasporic perspectives, leading to intellectual alienation among students. To counter this epistemic whitening, the study advocates for authentic strategies that affirm the black identity of students. The second research highlights the lack of racial literacy in the training of psychologists at a private HEI, proposing racial literacy as a foundational practice in psychology, thereby fostering the emergence of an anticolonial, Afrocentric, and pluralistic psychology. By synthesizing these two studies, the paper underscores the urgency of deconstructing the presumed certainties of a whitened curriculum, advocating for a rupture with alienating practices and promoting strategies that support a psychology rooted in social justice.

Keywords: students, psychology education, curriculum, blackness, resistance.

1 Este manuscrito é resultado da articulação entre dois trabalhos de conclusão de curso: NEGRO DRAMA: OS DISCENTES NEGROS E OS CURRÍCULOS DE PSICOLOGIA NO BRASIL, HILDEBERTO VIEIRA MARTINS, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, 2023 E LETRAMENTO RACIAL: IMPACTOS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA, ISABELLE CARNEIRO SOARES, ANDREA ARRUDA PAULA, CENTRO UNIVERSITÁRIO CAPITAL FEDERAL, 2023.

2 Universidade de São Paulo – USP – São Paulo – SP – Brasil; kathleengalvao@usp.br

3 Universidade de São Paulo – USP – São Paulo – SP – Brasil; bellecarso@gmail.com

4 Universidade de São Paulo – USP – São Paulo – SP – Brasil; laiz.chohfi@usp.br

La Psicología en la Educación Superior: pistas para encantar currículos blanqueados

Resumen
Este artículo realiza un análisis crítico de dos investigaciones sobre la formación en Psicología en Brasil, con un enfoque central en la incorporación de las cuestiones raciales en el currículo. La primera investigación analiza el currículo de Psicología de una Institución de Educación Superior (IES) en el Estado de Río de Janeiro, investigando el contenido a través de un análisis documental y sus posibles impactos en la comunidad estudiantil negra de la universidad. La autora sostiene que la formación en Psicología en Brasil está fuertemente influenciada por la hegemonía del saber científico moderno, que marginaliza las perspectivas afro-diaspóricas, provocando una alienación intelectual entre los estudiantes. Para contrarrestar este blanqueamiento epistemológico, la investigación propone estrategias auténticas que afirmen la identidad negra de los estudiantes. La segunda investigación destaca la ausencia de literacidad racial en la formación de psicólogos en una IES privada, proponiendo la literacidad racial como una práctica fundamental en Psicología, promoviendo así la emergencia de una Psicología anticolonial, afrocentrada y plural. Al sintetizar estos dos trabajos, el artículo resalta la urgencia de deconstruir las certezas presuntas de un currículo blanqueado, abogando por una ruptura con prácticas alienantes y promoviendo estrategias que estructuren una Psicología fundamentada en la justicia social.
Palabras clave: estudiantes, enseñanza de la psicología, currículo, negritud, resistencia.

O presente artigo busca problematizar, por vias que se sobrepõem, a experiência de estudantes pretos, pardos e indígenas que cursam Psicologia no Ensino Superior. Partindo de pesquisas realizadas anteriormente (Galvão, 2023; Soares & Paula, 2023), busca-se evidenciar o efeito das matrizes curriculares de cursos de Psicologia nesta parcela do corpo discente.

À guisa de introdução, neste primeiro momento do texto cabe lançar luz sobre o que o próprio título gostaria de comunicar enquanto posicionamento das autoras que o escrevem; palavra por palavra, desvelando o sentido do que se quer comunicar. Nessa direção, encruzilhada, palavra que pode ser associada ao território dos saberes afrodiaspóricos, possui significados que interessam ao texto aqui apresentado. Diz respeito a ruas que se cruzam, caminhos que se interpenetram, ao mesmo tempo em que se relaciona com um ponto em que decisões e/ou posicionamentos precisam ser tomados. É, nessa direção, um possível ponto de mutação. No presente trabalho, encruzilhada diz respeito aos dois sentidos: por meio do entrecruzamento de pesquisas, como vias de acesso a determinada temática, quer-se apresentar, a partir de um exercício descritivo-fenomenológico, a situação em que se encontra a Psicologia Escolar no Ensino Superior, num ponto que parece demandar posicionamento.

Por sua vez, quando se pesquisa a respeito da Psicologia Escolar, os textos que comumente aparecem têm relação com o ambiente da escola e suas especificidades. São discutidas as potências do trabalho da psicóloga escolar, as dificuldades enfrentadas num ambiente de trabalho que pouco legitima e reconhece esse fazer (Dias, Patias & Abaid, 2014; Viana & Francischini, 2016), as linhas tênues e tensas dos diagnósticos e medicalização da infância, a inclusão de populações marginalizadas e/ou deficientes, dentre outros temas fundamentais. Porém, da mesma forma que não faz parte da garantia de direito à educação conforme a Constituição de 1988, o território do Ensino Superior parecia ficar, por vezes, alheio aos olhares da Psicologia Escolar. Mais: parecia ficar alheio ao fato de que o Ensino Superior também é escola, no mesmo sentido descrito na Constituição: visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988). Conclui-se, portanto, que o Ensino Superior também é campo da Psicologia Escolar.

Tal alheamento, felizmente, vem se alterando a partir do maior envolvimento de psicólogas e psicólogos no Ensino Superior. Porém, conforme Pott e Campos (2021), a partir de revisão integrativa de bibliografia, evidencia-se a falta de pesquisas no campo da Psicologia Escolar voltadas para as demandas do Ensino Superior, em especial a partir de modelos ou relatos de como este profissional pode atuar em uma perspectiva coletiva e institucional (p. 193). Por outro lado, Moura e Facci (2016) evidenciam o crescimento da atuação de psicólogos escolares no Ensino Superior, sobretudo no que diz respeito à minimização do fracasso escolar. Vê-se, nessa direção, que há espaço, assim

como necessidade, de reflexão a respeito de possíveis outras atuações da Psicologia Escolar em Instituições de Ensino Superior (IES).

Na linha da discussão a respeito do fracasso escolar e de possibilidades de atuação da Psicologia no Ensino Superior, desafios importantes se fazem avistar quanto mais diversas as IES se tornam. A partir da aplicação das ações afirmativas e da criação de múltiplas portas de acesso ao Ensino Superior, seu corpo discente tem se tornado cada vez mais plural. A título de exemplo, na Universidade de São Paulo (USP), no vestibular de 2024, 5.954 vagas, das 10.753 preenchidas, foram destinadas para ingressantes que cumpriram o ensino médio exclusivamente em escolas públicas e autodeclarados pretos, pardos e indígenas (PPI). O número representa 55,4% do total de alunos. Do total destinado à política de ações afirmativas, os autodeclarados pretos, pardos e indígenas somaram 2.965 dos estudantes, correspondendo a 27,6% da reserva de vagas (Jornal da USP, 2024). Quanto mais o corpo discente se torna diverso, embora não na velocidade e proporção adequadas, maiores são as necessidades de rede de proteção e cuidado para com os/as estudantes, uma vez que as IES não foram, à partida, projetadas e construídas historicamente para serem ocupadas por outra parcela da população que não seja oriunda de uma elite dominante. Ainda tendo a USP como exemplo, a aderência ao sistema de cotas raciais, bem como para estudantes provenientes do ensino público, é anterior à criação da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP). A USP aderiu às cotas no ano de 2018 (Jornal da USP, 2018) enquanto a PRIP foi criada em 2022. Pode-se dizer que são os efeitos da diversidade que fazem a universidade se organizar para dar conta das demandas e questões nascentes.

Uma questão, no entanto, se faz pertinente neste contexto: as matrizes curriculares dos cursos de Psicologia acompanham a diversidade do campo de trabalho que se apresenta e se complexifica no Ensino Superior? São cursos que abrangem discussões de raça, classe e gênero?

Desejando trazer subsídios para a atuação da Psicologia Escolar no Ensino Superior, em intersecção com temas que se relacionam com a diversidade na universidade, que se constrói o presente artigo. Para isso, parte-se de duas pesquisas realizadas no âmbito da conclusão da graduação em Psicologia, sendo uma realizada numa universidade pública e outra numa faculdade privada. A primeira (Galvão, 2023) teve como objetivo analisar matrizes curriculares de IES na direção de refletir criticamente sobre como os currículos da graduação produzem diferentes efeitos no corpo discente negro do curso. Deste modo, realizou-se uma análise documental das matrizes curriculares de Psicologia de diferentes campi de uma IES buscando investigar a existência de disciplinas obrigatórias que estão implicadas em discutir conteúdos relacionados a relações raciais. Por sua vez, a segunda pesquisa (Galvão, 2023) objetivava escutar as pessoas concluintes do curso de Psicologia em IES privada a fim de conhecer como (e se) as questões raciais atravessavam a compreensão dos fenômenos e/ou abordagens estudadas durante a formação.

Buscando organizar a discussão que se quer apresentar, opta-se pela seguinte ordem de apresentação: primeiramente, uma breve indicação metodológica da escritura do presente manuscrito, seguida da apresentação dos achados das pesquisas mencionadas para, em localizando suas intersecções construir, por último, pistas para o *encantamento* das matrizes curriculares uma vez que, aqui, parte-se da compreensão de que os currículos se mostram *desencantados*, uma vez que parecem excluir a diversidade do mundo e as suas potências criativas (Galvão, 2023).

Notas metodológicas

Mencionou-se, anteriormente, que a escritura deste artigo se realiza enquanto exercício descritivo-fenomenológico. Conforme Dartigues (2008 em Chohfi, 2021), a fenomenologia enquanto método trata de "distender o tecido da consciência e do mundo para fazer aparecer os seus fios". O modo de distensão dos fios, para a fenomenologia, é a descrição.

Não se trata, no entanto, de qualquer descrição, uma vez que há rigor envolvido nesse ato de distender: distende-se consciência e mundo ao mesmo tempo. Nessa direção, a descrição fenomenológica nunca é neutra, uma vez que sempre parte de uma consciência, ou seja, de um eu. O rigor metodológico, a partir da fenomenologia, se refere a deixar evidente de que se parte de algum lugar já pré-existente, algo que Heidegger e outros autores, como Gadamer, vão se referir como tradição. É do mergulho na tradição, por visões particulares e específicas, que os fios aqui descritos e expostos puderam ser separados e des-tecidos, tendo como objetivo oferecer pistas para mudanças fundamentais nas matrizes curriculares dos cursos de

Psicologia se há de fato desejo por uma Psicologia que, conforme o Código de Ética da profissão (CFP, 2005), tem como princípios fundamentais:

> I. O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos. II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural. IV. O psicólogo atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática. V. O psicólogo contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão.VI. O psicólogo zelará para que o exercício profissional seja efetuado com dignidade, rejeitando situações em que a Psicologia esteja sendo aviltada. VII. O psicólogo considerará as relações de poder nos contextos em que atua e os impactos dessas relações sobre as suas atividades profissionais, posicionando-se de forma crítica e em consonância com os demais princípios deste Código. (p. 7)

O *encruzilhamento* adotado neste estudo consiste na articulação analítico-interpretativa entre dois materiais empíricos distintos — (a) análise documental de matrizes curriculares e (b) escuta qualitativa de estudantes concluintes — tratados não como estudos paralelos, mas como planos que se atravessam mutuamente. Em vez de compará-los de modo aditivo, buscamos tensionar seus achados, fazendo com que cada campo ilumine lacunas e potências do outro. Tal movimento, inspirado na noção afrodiaspórica de encruzilhada, opera como estratégia metodológica de leitura cruzada, permitindo evidenciar tanto os dispositivos institucionais de apagamento racial quanto seus efeitos subjetivos e formativos.

O currículo de Psicologia e a autoria discente negra: uma análise a partir da Universidade Federal Fluminense

A primeira pesquisa propõe uma análise crítica dos currículos do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), com foco nos efeitos desses dispositivos formativos sobre os estudantes negros. Para a autora, "é fundamental enegrecer a discussão" (Galvão, 2023, p. 10), uma vez que as temáticas raciais são frequentemente invisibilizadas, o que fica especialmente evidente a partir de revisão histórica da formação em Psicologia desde a sua regulamentação no Brasil. Segundo Galvão, a hegemonia de uma formação positivista e eurocêntrica transformava os alunos em "consumidores de conhecimento", distanciando-os de uma práxis crítica embora Bock (1997 apud Galvão, 2023, p. 24) já apontasse a urgência de um "novo paradigma" baseado em compromisso social. A prática psicológica historicamente se manteve distante das realidades brasileiras, o que provocou uma crescente insatisfação com os currículos impostos pelas diretrizes oficiais.

No início do trabalho encontramos as tessituras históricas da formação em Psicologia no Brasil, apontando ainda as especificidades do curso no estado do Rio de Janeiro. Ao abordar os paradigmas presentes nas décadas de 1980, 1990 e anos 2000, identifica similaridades e disparidades presentes entre tais períodos históricos. Ainda que a insatisfação e desobediência dos atores políticos presentes dentro da formação possibilitaram a transformação dos modelos hegemônicos de saber e fazer profissional Psi, destaca-se mesmo assim a invisibilidade do corpo estudantil dentro do próprio processo formativo.

A partir de diálogos com autores como Paulo Freire, Michael Apple e Henry Giroux é possível afirmar que currículos são artefatos políticos e, nessa direção, não podem ser lidos como neutros. Como afirma Freire (1996), "ninguém educa ninguém... os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". Nessa direção, a autora propõe que os currículos de Psicologia, ao negligenciarem saberes interpretados como subalternos, reafirmam relações coloniais de poder e epistemicídio. Ela argumenta que "o currículo reflete escolhas intencionais de silenciamento" (Galvão, 2023, p. 39), o que se expressa na omissão de conteúdos sobre relações raciais nos cursos analisados.

A pesquisa documental realizada pela autora, ao investigar os documentos curriculares dos cursos de Psicologia da UFF, permitiram que esta analisasse a presença de saberes negros dentro da graduação. Além disso, foi possível encontrar dados acerca do perfil dos estudantes em cada campus estudado, viabilizando o encruzilhamento de dados fundamentais para a visualização de efeitos possíveis frente à comunidade estudantil negra.

Por fim, a autora analisou os possíveis efeitos destes currículos no corpo discente negro, através das discussões realizadas pelo sociólogo negro brasileiro Alberto Guerreiro Ramos, com conceitos como: patologia cultural, alienação, negro tema e negro vida. A partir dessa composição, apresenta as estratégias disruptivas adotadas por estes alunos, afirmando a potência e autoria discente frente a criação de um currículo comprometido com seu contexto social.

Métodos e procedimentos

Os cursos de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, localizada no Estado do Rio de Janeiro, distribuem-se nos campi de Campos dos Goytacazes, Niterói, Rio das Ostras e Volta Redonda. As atividades de Psicologia da UFF estiveram inseridas no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF) até 1968, após uma reforma acontecer e organizar novos departamentos. Assim, o curso de Psicologia da UFF é criado em 1971, após o Conselho Universitário da Universidade criar a resolução 14/70 e o Conselho de Ensino e Pesquisa gerar a resolução 58/70. O curso de Psicologia em Niterói foi o primeiro a ser criado, em 1971, em seguida o curso foi aberto no município de Rio das Ostras em 2004, após uma parceria da Universidade com a Prefeitura da cidade. No ano de 2011, a graduação em Psicologia é iniciada em Volta Redonda, e no mesmo período, a primeira turma do campus de Campos dos Goytacazes é aberta.

A análise feita por Galvão foi realizada em maio de 2023, considerando os documentos curriculares prescritos até aquele período. Neste ano, o campus de Niterói tinha um corpo discente de Psicologia de 607 alunos, em Rio das Ostras 405 alunos, em Volta Redonda 437 estudantes e Campos dos Goytacazes com 624 alunos. Sendo todos os cursos em formato integral e bacharelado, onde os estudantes cumprem no mínimo 10 semestres (5 anos) para a integralização do curso.

Foram utilizados três tipos de documentos, obtidos através dos *sites* oficiais da Universidade: a matriz curricular dos Cursos de Graduação em Psicologia, o ementário dos respectivos documentos e o material divulgado pelo Sistema de Transparência da UFF. No ementário, encontrou-se uma descrição das atividades disponibilizadas pela Universidade.

No Sistema de Transparência, foi possível obter dados relacionados à graduação e pós-graduação da IES, encontrando dados que apontassem o perfil do graduando em todos os campi. Na matriz curricular, era possível encontrar as disciplinas obrigatórias, pré-requisitos, carga horária obrigatória e optativa, número total de horas complementares e carga horária da formação, disciplinas não periodizadas e divisão dos estágios supervisionados. Sendo as disciplinas obrigatórias como foco de sua análise, uma vez que intenta localizar os conteúdos relacionados a relações étnico-raciais dentro do plano de estudos que precisa impreterivelmente ser cursado para obter o grau de bacharelado.

A coleta de dados foi realizada através da análise documental, focando em investigar dois aspectos principais: a verificação da existência ou não de disciplinas obrigatórias que discutam a temática das relações étnico-raciais e o estudo do perfil do discente graduando em Psicologia nos campi investigados. Com relação ao perfil do graduando, foram analisadas informações como etnia, gênero, ação de ingresso, faixa etária e localização por Estado. Sobre o conteúdo dos documentos curriculares, foi desconsiderado a análise de projetos de estágio supervisionado e outras ações acadêmicas, voltando-se apenas à análise das disciplinas obrigatórias.

Achados e conclusões

Os dados encontrados pela autora evidenciam aspectos importantes para a reflexão acerca da formação em Psicologia no Brasil, uma vez que encruzilha a observação do perfil dos graduandos dos cursos aos conteúdos curriculares investigados, discutindo assim a repercussão dos documentos curriculares no corpo discente negro.

Em relação às matrizes curriculares analisadas, o principal ponto de atenção é que apenas 1 campus oferece uma disciplina obrigatória que aborda a temática das relações étnico-raciais. O Curso de Graduação em Psicologia da UFF em Niterói é o único que oferece

a disciplina *Sociedade Brasileira e África: Subjetivações Afrodescendentes*, que passou a ser oferecido desde o ano de 2013, 42 anos após a primeira turma de Psicologia da Universidade. Essa ausência evidencia o não-lugar da experiência negra na formação tornando a estrutura curricular, assim, um mecanismo de exclusão institucional.

A autora traz um importante apontamento sobre a disciplina, pois esta não foi uma iniciativa da Universidade, e sim a mobilização da comunidade acadêmica negra da UFF (Santos, 2019, apud Galvão, 2023, p. 58). Galvão discute ainda a existência da Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que traz em seu primeiro parágrafo do artigo 1º, a obrigatoriedade de IES incluírem conteúdos relacionados a Educação das Relações Étnico-Raciais em disciplinas e atividades curriculares. Os campi do interior da UFF, não possuem iguais condições formativas referente aos estudos das relações raciais dentro do curso de Psicologia, sendo fundamental o apontamento da autora sobre como minorias sociais desfrutam de ações pedagógicas voltadas ao acolhimento de sua própria identidade.

Os perfis dos graduandos nos respectivos cursos, traçados por autora, evidenciam um corpo discente majoritariamente composto por mulheres brancas, que ingressaram na Universidade por meio de Ação de Ingresso de Ampla Concorrência. Entretanto, em seguida a esse perfil, a maior porcentagem de estudantes destes polos é negra, deste modo, mesmo ocupando um grande espaço na Universidade, alunos negros são privados do acesso a saberes afrodiaspóricos, como os que são apresentados na disciplina da UFF de Niterói. O não-lugar ocupado por esses estudantes negros, marcados pela exclusão institucional, é ainda reforçado pelas lacunas de disciplinas obrigatórias em campus que deveriam estar comprometidos em discutir conteúdos fundamentais, relacionados a questões de raça, que possuem caráter emancipatório.

A formação em Psicologia no Brasil, destacada pela autora em uma linha do tempo histórica que apresenta o surgimento de práticas ditas psicológicas até a criação de novos paradigmas da atualidade, é caracterizada por atores sociais que desobedecem e destacam o caráter embranquecido da formação e seu comprometimento insuficiente frente à formação encruzilhada a saberes negros. O sociólogo Guerreiro Ramos, que auxilia a tecer a discussão de autora, nos mostra que cristalizamos um cânone universal ao adotarmos a Europa como referência civilizatória, impactando diretamente nos modelos que utilizamos no âmbito acadêmico, sendo esta a referência de metodologias e teorias científicas. O Brasil, nesse sentido, adota o paradigma do Norte global (Europa e Estados Unidos), aderindo de forma acrítica um currículo, sem relação com o território a que pertencemos.

Através desse trabalho, conseguimos notar que a Psicologia não foge dos efeitos da europeização do mundo. O branco se torna o modelo universal do conhecimento, enquanto o negro se torna o não-saber. A criação dessa não existência, produto do modelo de embranquecimento da formação em Psicologia apresentado pela autora, evidencia o recorte intencional e enviesado dos currículos do curso, evidenciando a privação do acesso a saberes afrodiaspóricos.

Guerreiro Ramos propõe categorias de análise precisas para que a autora discuta as encruzilhadas presentes na experiência dos estudantes negros na graduação em Psicologia. Em seu trabalho "O problema do negro na sociologia brasileira", publicado em 1954, o sociólogo utiliza o termo "negro tema" para evidenciar que no contexto acadêmico, através da ciência moderna, pensadores cristalizam os indivíduos negros a serem compreendidos a partir da lente de objetos de análise, não sendo considerados criadores de conhecimento válidos.

> Que é que, no domínio de nossas ciências sociais, faz do negro um problema, ou um assunto? A partir de que norma, de que padrão, de que valor, se define como problemático ou se considera tema o negro no Brasil? [...] Ora, o negro no Brasil é objeto de estudo como problema na medida em que discrepa de que norma ou valor? [...] O negro é tema, é assunto, é objeto de registro, no Brasil, em todas as situações. (Ramos, 1954, p. 170-172).

Em contrapartida, o "negro vida" é caracterizado por sujeitos que assumem seu destino através da criação autêntica de sentidos, não se deixando imobilizar-se, rompendo com a alienação intelectual forjada pela hegemonia do saber, impregnada de valores europeus que expressam seu conhecimento como verdade irrevogável.

> De repente se nos torna óbvio o nosso empedernimento pela brancura, se nos torna perceptível a venda

> dos nossos olhos. É como se saíssemos do nevoeiro da brancura - o que nos permite olhá-la em sua precariedade social e histórica. E ainda que, por um momento, para obter certa correção do nosso aparelho ótico, poderíamos dizer que das trevas da brancura só nos libertaremos à luz da negrura. (Ramos, 1954, p. 197).

Galvão e Guerreiro Ramos nos apresentam o caráter emancipatório da expressão autêntica dos alunos, estes possuem a potência de romper com os cânones da Psicologia e encantar o espaço universitário através da utilização dos saberes negros em sala de aula. Ao experienciar a formação em Psicologia de forma autêntica, estes alunos rompem com as falsas verdades criadas pela ciência moderna no entorno do corpo negro, transgredindo a equivocada superioridade posta a saberes hegemônicos. Ao mencionar as metodologias autênticas no modo de fazer ciência, a autora aponta saberes plurais que se originam no terreiro, operando novos modos de produção e pesquisa. Se desencantar do hegemônico na Psicologia, para a autora, é encantar-se da riqueza de saberes considerados outros, é lutar em prol das reflexões epistemológicas que surgem nas encruzilhadas das macumbas, é se guiar por caminhos outros que não o norte-global.

Contornamos a percepção da autora quando ela nos aponta que é necessário desconfiar do que se coloca como verdade fixa dentro da formação em Psicologia, dando espaço para o negro vida urgir dentro da formação, potencializando o caráter emancipatório das práticas desenvolvidas pelo corpo estudantil negro, ao romper com padrões estáticos da brancura intelectual desejada dentro da graduação.

Encruzilhando os resultados das duas investigações, observa-se que a ausência de conteúdos étnico-raciais identificada nos documentos curriculares encontra correspondência direta nos relatos de insegurança profissional, silenciamento e não pertencimento das estudantes. Assim, o plano estrutural do currículo e o plano subjetivo da formação revelam-se mutuamente implicados.

Estudos recentes têm evidenciado que tais atravessamentos não se restringem à dimensão curricular, mas impactam diretamente a permanência, o pertencimento e a saúde psicossocial de estudantes negras/os na formação em Psicologia. A pesquisa de Ribeiro (2025), realizada com estudantes de instituições privadas de ensino superior, demonstra como classe, raça e gênero operam interseccionalmente na produção de experiências de exclusão, precarização, reforçando a inseparabilidade entre estrutura institucional e vivência subjetiva.

Impactos do apagamento negro e indígena na formação profissional em psicologia: uma proposta de Letramento Racial

A segunda pesquisa objetivou a escuta de estudantes concluintes do curso de Psicologia em IES privada também no ano de 2023, a fim de identificar se e como a questão racial entraria na compreensão dos fenômenos e/ou abordagens estudadas durante a formação de psicólogas/os na supracitada instituição (Soares & Paula, 2023). Partiu-se da hipótese de que o Letramento Racial, que se refere a "um conjunto de práticas que pode ser melhor caracterizado como uma 'prática de leitura'– uma forma de perceber e responder individualmente às tensões das hierarquias raciais da estrutura social" (Schucman, 2022, p. 182), seria fundamental na formação em Psicologia.

A noção de *Racial Literacy*, originalmente proposta pela antropóloga afro-americana France Winddance Twine em estudos com casais inter-raciais, destaca a importância de sujeitos brancos reconhecerem-se como racializados e compreenderem seus privilégios frente às hierarquizações sociais. No entanto, considerando os efeitos do racismo à brasileira, marcados pelos mitos da democracia racial e pelas políticas de branqueamento, a leitura de Letramento Racial proposta pelas autoras (2023) ampliar-se-ia a todos os sujeitos, reconhecendo que todas as pessoas são racializadas e, portanto, ocupam e tensionam de maneiras diversas o tecido social; além de suscitar respostas não apenas no âmbito individual, mas das/os psicólogas/os, enquanto classe profissional.

Método e Procedimentos

No intuito de responder como (e se) as questões raciais entraram na compreensão dos fenômenos e/ou abordagens estudadas durante a formação das psicólogas da IES em questão, a pesquisa foi desenhada em três etapas metodológicas.

A primeira, realização de um questionário fechado digital de cunho demo e etnográfico, a fim também de aproximar a temática racial daquela população e também recolher o interesse pela segunda

etapa. A população esperada era de 121 estudantes, dos quais apenas 26 (21,5%) responderam. A amostra mostrou-se predominantemente feminina (88,5%) e etnicamente dividida entre brancos (50%) e negros (pretos e pardos, 50%). A baixa adesão foi interpretada não apenas como limitação, mas como dado indicativo de desinteresse ou até aversão ao tema racial, consequência da ausência de letramento racial.

A segunda etapa tratou do planejamento de um grupo focal presencial. Inspirada em Grada Kilomba (2019), as autoras partiram dos fundamentos da pesquisa centrada em sujeitos, orientados pela "subjetividade consciente" (Kilomba, 2019, p. 83) para realizar o encontro. Embora 12 participantes tenham inicialmente demonstrado interesse no grupo focal, apenas uma estudante compareceu, transformando o grupo focal em uma entrevista em profundidade.

Terceira, análise de dados quanti e qualitativos a partir de referências decoloniais e contracoloniais. Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, foi necessária a aprovação em comitê de ética, a qual foi certificada pelo CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética): 74954923.0.0000.9487

Achados e conclusões

Partindo dos marcos teóricos da *Black Psychology* (Psicologia Preta), disciplina dissidente do centro global de poder para psicologia: *American Psychological Association - APA*, buscou-se por paralelos neste território. Nesse percurso (re)conheceu uma pluralidade de pessoas - Abdias do Nascimento, Cida Bento, Lélia Gonzalez - que há tempos encampam outras cosmogonias e são, sistematicamente, apagadas e/ou marginalizadas dos centros de saber.

A pesquisa permitiu expor a lacuna na formação de psicólogas/os daquela instituição, uma vez que esta oferece estudos apenas a partir de uma categoria racial e tenta encaixar todas as outras nela. Questionar sobre a temática racial/colonial na formação de psicólogas e psicólogos é ainda "mexer num vespeiro". De acordo com os achados dessa pesquisa, a temática racial não é trazida como transversalidade em todas as disciplinas, nem mesmo constrói um espaço próprio dentro da matriz curricular, mas marginalizada na disciplina de Psicologia Social, deixada à opcionalidade da/do professor/a em questão. Neste mesmo sentido corroboram os resultados de Ribeiro (2025), em sua tese de doutorado as entrevistas apontaram que não apenas as temáticas raciais, mas de sexualidade e gênero ficam restritas à disciplina de Psicologia Social. Assim, o Letramento racial proposto se apresenta enquanto percepção da pluralidade, multiplicidade e diversidade de existências e a necessidade de ser compartilhado por essa classe profissional, a fim de gerar respostas mais equânimes para o mundo.

Apresenta-se, então, uma análise entrelaçada a trechos da entrevista junto aos argumentos das bibliografias selecionadas. Na perspectiva da autodeterminação, cujo objetivo é ter a liberdade de nomear as próprias experiências e poder criar uma imagem valorizada e mais compatível com a própria subjetividade (Njeri & Ribeiro, 2019), ela realiza uma leitura possível da entrevista a partir de camadas espectrais: pessoal-comunitária; subjetiva-objetiva. Estas camadas permitem nuances que influenciam mutuamente nossas posturas relacionais cotidianas e também profissionais, além de encruzilhar relações entre elas e subsidiar nossas ações diárias. Enfatiza, ainda, a relevância dessa leitura, a partir do reconhecimento desses trânsitos, para deslocar a hierarquização de saberes proposto por certa tendência científica que postular para si o lugar de imparcialidade, universalidade e de racionalidade, ignorando os fatores políticos, sociais e culturais que a compõem.

As análises das entrevistas foram, portanto, realizadas apontando os impactos da falta de Letramento racial em três aspectos: Subjetividades (Inteligência?), Formação (Dúvidas na sala de aula) e (Atuação) Profissional. A entrevista com Iza (pseudônimo), mulher negra, quilombola, revelou o sentimento de inadequação, entre o que se é e o que o mundo impõe aos corpos negros. O que ao ser reconhecido daria lugar a outro mal-estar: o *Afrosurto*, termo cunhado por Aza Njeri. Caracterizado como "um fenômeno psíquico potente e necessário às pessoas negras da diáspora, pois sinaliza um estado de ódio à hegemonia devido à lucidez das dinâmicas raciais limitadoras e excludentes do Ser não ocidental" (Njeri, 2022, p. 191).

A respeito do aspecto Subjetividades, a entrevistada relata dúvidas sobre ser ou se sentir inteligente. As autoras (2023) apontam para a percepção, construída ao longo da entrevista, sobre ter sido uma pessoa silenciada também pelo ambiente acadêmico.

Percebe-se então como algo comunitário foi subjetivado a ponto afetar objetivamente o número de amigas/os, entre outros desdobramentos. É possível que para outras pessoas ainda, esse mesmo evento,

as induza a não concluir o curso, pois são variados os efeitos do racismo no trânsito da subjetividade à objetividade cotidiana e impacto no exercício profissional. (Soares&Paula, 2023, p. 10)

A partir da dificuldade da entrevistada em tirar dúvidas na sala de aula, as autoras retomam o reconhecido debate sobre a quem é permitido falar?

> Do concreto para o simbólico, tomamos este como um dispositivo colonial ainda vigente: se hoje já não se pode amordaçar as pessoas, existem outras maneiras, mais sutis, de impedir que verdades sejam ditas. (Soares & Paula, 2023, p. 13)

E destaca a pressão de constante eficiência não apenas enquanto um desafio acadêmico, mas uma reafirmação contínua da desumanização estrutural sofrida por pessoas negras, o que compromete não só a saúde mental, mas também a vivência plena dentro do âmbito universitário.

A ausência da temática racial na formação impacta diretamente o futuro exercício profissional, Iza aponta que se sentia limitada na relação profissional sobre a temática racial, mesmo sendo uma mulher negra. Ela exemplifica com sua participação como estagiária numa roda de conversa no mês da Consciência Negra e o sentimento de insuficiência na ocasião, lhe faltariam recursos teóricos e metodológicos. Por outro lado, a entrevistada relata ainda que no atendimento a pessoas pretas "a coisa flui", indicando que a ausência de hierarquização entre as pessoas, o que permitiria um melhor vínculo terapêutico. (Soares & Paula, 2023, p. 15).

As autoras propõem, enfim, o trânsito do conceito de Letramento racial não apenas como uma prática individual, mas como um compromisso comunitário de uma categoria. Ao lado disso, que a Psicologia brasileira se desloque de um modelo colonialista e eurocêntrico, capaz apenas de reforçar desigualdades, para um campo verdadeiramente plural, reparador e ético, necessário para gerar respostas mais equânimes no cuidado em saúde mental.

Em conclusão, Soares e Paula (2023) convocam a Psicologia brasileira a romper com paradigmas ango-eurocêntricos e universalistas, incorporando abordagens afrocentradas, anticoloniais e pluriversais, acreditando num caminho mais coerente para produzir uma prática clínica e acadêmica mais alinhada às realidades e subjetividades do povo brasileiro. Ela finaliza:

> Desejo que confrontemos profundamente nosso trauma colonial e abracemos nossa ancestralidade, acreditando que esta poderá (orí)entar melhor nossos caminhos e nomeações. Quiçá encontremos algo como nossa Amefricanidade Pindorâmica ou o que quer que esteja por vir... (Soares & Paula, 2023, p. 22).

Considerações Finais

A partir do material apresentado revelou-se, com rigor metodológico e sensibilidade crítica, a urgência de revisar os currículos de formação em Psicologia, especialmente diante da crescente diversidade racial nas IES, tendo em vista a possibilidade e até necessidade da atuação da Psicologia Escolar no âmbito do Ensino Superior, aqui compreendido como escola. Problematizou-se os efeitos de uma formação eurocentrada e hegemônica sobre estudantes pretos, pardos e indígenas, denunciando o apagamento histórico e epistemológico desses sujeitos na constituição do saber psicológico, constituindo-se como fonte de sofrimento para esta parcela da população universitária.

Inspirando-se em Guerreiro Ramos, Luiz Rufino, Luiz Antonio Simas e Frantz Fanon, propõe-se quatro estratégias fundamentais de resistência e transformação: autenticidade, purgação conceitual, negro vida e deseducação da Psicologia. A *autenticidade,* nesse contexto, aparece como forma de ruptura com a alienação intelectual promovida por currículos que normatizam a brancura como critério de excelência. Essa atitude é também uma forma de encantamento, em que sujeitos negros tornam-se protagonistas de sua trajetória formativa, recusando o lugar de "objeto de estudo" e assumindo-se como sujeitos de saber.

A *purgação conceitual* surge como desdobramento da autenticidade e envolve o desmonte crítico das categorias embranquecidas do saber psicológico. Saber ancestral, pluriversal e nascido em territórios como os terreiros são reivindicados como fontes legítimas de conhecimento. A inclusão desses saberes não apenas enriquece o repertório acadêmico, como também desafia o monopólio das verdades científicas ocidentais.

A estratégia do negro vida, cunhada por Guerreiro Ramos, propõe uma vivência acadêmica que vai além da condição do "negro tema" – aquele sujeito aprisionado na posição de objeto de pesquisa. O negro vida rompe com a lógica da alienação ao afirmar sua presença e criar espaços de resistência e existência ativa, inclusive dentro da Universidade. Essa presença

disruptiva não apenas denuncia os mecanismos institucionais de exclusão, mas também instaura novas possibilidades de subjetivação e atuação profissional.

Por fim, a *deseducação da Psicologia*, inspirada em Simas e Rufino, propõe um movimento contra-hegemônico que visa desencantar a ciência como estrutura rígida, hierarquizada e universalizante. O psicólogo cambono, símbolo desse novo modo de produção de conhecimento, assume uma postura de aprendiz constante, deseducando-se dos saberes excludentes para acolher a multiplicidade epistêmica que emana das encruzilhadas, dos terreiros, das vivências populares.

As duas pesquisas encruzilhadas – uma documental e outra de escuta com estudantes de Psicologia – evidenciam o apagamento de saberes raciais nos currículos e os impactos subjetivos e profissionais dessa ausência. O relato de Iza, estudante negra quilombola, revela os efeitos do racismo institucional sobre a autoestima, a sensação de pertencimento e a construção de competências profissionais. O conceito de *Afrosurto*, nesse sentido, expressa a dor e a lucidez crítica frente às violências simbólicas vividas ao longo da formação.

Conclui-se, portanto, que para que a Psicologia cumpra sua função ética e social, conforme preceituado pelo Código de Ética da profissão, ela precisa se descolonizar. Isso significa rever profundamente suas estruturas curriculares, seus paradigmas epistemológicos e suas práticas pedagógicas. Uma Psicologia comprometida com a liberdade, a dignidade e a pluralidade humana precisa abraçar a autenticidade, valorizar o negro vida, purgar o saber hegemônico e *encantar-se* com outras formas de produzir ciência. Só assim será possível formar profissionais capazes de responder às complexidades do Brasil real, em toda sua diversidade e ancestralidade, bem como ofertar, a partir de sua matriz curricular, fonte de pertencimento para todos os estudantes.

Referências

Galvão, K. dos S. (2023). *Negro drama: Os discentes negros e os currículos de psicologia no Brasil.* Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, RJ.

Soares, I. C., & Paula, A. A. (2023). *Letramento racial: impactos na formação profissional em psicologia*. Trabalho de conclusão de curso de graduação, Centro Universitário Capital Federal, Taboão da Serra, SP.

Brasil (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Bock, A. M. B. (1997). Formação do psicólogo: Um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão, 17*, 37–42. https://www.scielo.br/j/pcp/a/8wMf9sFXZtQcdnY5xvMVpsF/

Chohfi, L. M. S. (2021). *A permanência estudantil na Universidade de São Paulo: um estudo da situação hermenêutica*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.47.2021.tde-13072021-173435. Recuperado em 2026-02-02, de www.teses.usp.br

Conselho Federal de Psicologia (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf

Dias, A. C. G., Patias, N. D., & Abaid, J. L. W. (2014). Psicologia escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões. *Psicologia Escolar e Educacional, 18*(1), 105–111. https://doi.org/10.1590/S1413-85572014000100011

Fanon, F. (2019). *Alienação e liberdade* (J. Khalfa & R. J. C. Young, Orgs.; G. Soares, Trad.; L. M. Schwarcz, Rev. técnica). Ubu.

Franschini, R., & Viana, M. N. (2016). *Psicologia escolar: Que fazer é esse?* Conselho Federal de Psicologia.

Jornal da USP (2018, janeiro 5). O sistema de cotas étnico-raciais adotado pela USP. *Jornal da USP*. https://jornal.usp.br/artigos/o-sistema-de-cotas-etno-raciais-adotado-pela-usp/

Jornal da USP (2024, junho 14). Mais de 55% dos alunos que ingressaram na USP em 2024 são de escolas públicas. *Jornal da USP*. https://jornal.usp.br/institucional/mais-de-55-de-estudantes-de-escolas-publicas-ingressaram-na-usp-em-2024/

Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó.

Njeri, A. (2022). Reflexões artístico-filosóficas sobre a indústria cultural. *Revista Observatório Itaú Cultural*(32). https://doi.org/10.53343/100521.32/9

Njeri, A., & Ribeiro, K. (2019). Mulherismo africana: Práticas na diáspora brasileira. *Currículo sem Fronteiras, 19*(2), 595–608.

Moura, F. R., & Facci, M. G. D. (2016). A atuação do psicólogo escolar no ensino superior: Configurações, desafios e proposições sobre o fracasso escolar. *Psicologia Escolar e Educacional, 20*(3), 541–549. https://doi.org/10.1590/2175-35392015020310 36

Ramos, A. G. (1954). O negro desde dentro. In M. S. Barbosa (Org.), *Negro sou: A questão étnico-racial e o Brasil: Ensaios, artigos e outros textos (1949–73)* (pp. 195–205). Zahar. (Publicado originalmente em 1954)

Ribeiro, M. E. (2025). *(Sobre)viver no ensino superior privado: Análises psicossociais e interseccionais de estudantes de psicologia no Brasil* (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas.

Santos, A. de O. (2019). O enegrecimento da Psicologia: Indicações para a formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão, 39*(1). https://www.scielo.br/j/pcp/a/Phjf88DnyttsFSHMNxcmWLJ/

Schucman, L. V. (2022). O branco e a branquitude: Letramento racial e formas de desconstrução do racismo. *Portuguese Literary and Cultural Studies*, (32), 171–189.

Simas, L. A., & Rufino, L. (2018). *Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas*. Mórula Editorial.

Recebido em 07/05/2025
Aceito em 06/02/2026

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.